

# A CAMINHO DE EMAÚS

REVISTA DIGITAL DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA E SANTA EDWIGES  
JANEIRO/FEVEREIRO DE 2026 ANO XX – NÚMERO 115

LECTIO DIVINA FORTALECE  
A ESCUTA DA PALAVRA NA  
CAMINHADA QUARESMA  
DA PARÓQUIA

*p.18*

CONSAGRAÇÃO A SÃO JOSÉ  
MOBILIZA 170 HOMENS  
EM PERCURSO  
ESPIRITUAL E FORMATIVO

*p.19*

CASAS CELEBRAM  
A FESTA DOS  
ESPONSAIS DOS  
SANTOS ESPOSOS  
MARIA E JOSÉ

*p.5*



A CAMINHO DE EMAÚS

REVISTA DIGITAL DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA E SANTA EDWIGES  
JANEIRO/FEVEREIRO DE 2026

ANO XX – NÚMERO 115

#### **FICHA TÉCNICA**

Revista Digital  
A Caminho de Emaús

**Instituição Responsável**  
Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges

**Direção Geral**  
Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS

**Jornalista Responsável**  
Leonardo Bruno Cunha Ferreira

**Redação**  
Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS  
Leonardo Bruno Cunha Ferreira  
Débora Carneiro Ávila  
Waldevira Bueno Pires de Moura

**Fotografia**  
Leonardo Bruno Cunha Ferreira  
Nathalia Siqueira Rodrigues  
João Eduardo da Silveira Gonzaga  
Gabriel Pereira Fagundes Dias  
Flávio Augusto Mendes de Sousa

**Diagramação**  
Gráfica e Editora América Ltda.

**Contato**  
E-mail: [paroquiasantaedwiges16@gmail.com](mailto:paroquiasantaedwiges16@gmail.com)  
Telefone: (62) 3259-8374 // WhatsApp: (62) 98410-0165  
Endereço: Rua C-252, quadra 589, lote 12, Setor Nova Suíça - Goiânia - Goiás - Brasil  
CEP: 74280-160  
Instagram: [@paroquiasantaedwiges16](https://www.instagram.com/paroquiasantaedwiges16)  
site: [www.paroquiasantaedwiges16.org.br](http://www.paroquiasantaedwiges16.org.br)

**Periodicidade**  
Mensal

## EDITORIAL

### *ENTRE TANTAS URGÊNCIAS, O ESSENCIAL PERMANECE*



O início de um novo ano, para quem vive a fé, nunca é simples sucessão de datas. O ser humano não habita o tempo apenas como quem administra compromissos; ele é atravessado por acontecimentos que pedem resposta interior, revisão de rumos e amadurecimento espiritual. A tradição cristã sempre distinguiu o *chronos*, o tempo que medimos e organizamos, do *kairós*, o tempo oportuno, atravessado pela graça, aquele momento em que Deus visita a história e pede do coração humano uma resposta mais lúcida e mais livre. Podemos atravessar os meses apenas administrando agendas ou permitir que eles se tornem ocasião de conversão. O calendário pode ser instrumento de organização ou caminho espiritual. Tudo depende do modo como habitamos o tempo e do espaço interior que concedemos à ação silenciosa de Deus.

Nossa paróquia inicia este período marcada por sinais claros de vitalidade concreta. A participação nas celebrações permanece consistente, as missas continuam reunindo assembleias numerosas e orantes, as pastorais seguem ativas, os movimentos mantêm seu dinamismo, a catequese segue acolhendo um número sempre mais expressivo de crianças, jovens e adultos, e os projetos sociais continuam tocando vidas reais. A Associação

Polivalente São José amplia seus atendimentos, novas pessoas se aproximam do serviço pastoral, jovens retomam sua participação comunitária, e muitos agentes perseveram na colaboração generosa e silenciosa que sustenta a vida da paróquia. Essa presença perseverante constitui um patrimônio espiritual precioso. Ela revela que a fé não é apenas tradição recebida, mas decisão renovada no cotidiano, compromisso assumido com maturidade, esperança e senso eclesial.

Mas toda vitalidade exige discernimento. Existe um risco que não pode ser ignorado, confundir intensidade com profundidade, agenda cheia com fecundidade espiritual, multiplicação de iniciativas com verdadeiro crescimento interior. A própria experiência humana mostra que a repetição constante de tarefas pode gerar automatismo, e isso também alcança a vida pastoral. Ora-se, mas não se escuta; participa-se, mas não se deixa tocar; trabalha-se, mas sem a interioridade que sustenta a missão. Uma paróquia pode ser grande em território e pequena em interioridade, ativa nas atividades e superficial na experiência espiritual. Quando a atividade se multiplica sem raiz interior, a oração rareia, o discernimento enfraquece e a missão corre o risco de se transformar apenas em administração eficiente. Numa comunidade extensa geograficamente, marcada por diversidade de pastorais e demandas constantes, esse risco não é teórico, é concreto.

A Quaresma nos encontra exatamente nesse ponto. Ela não é pausa decorativa no calendário pastoral, mas tempo de verdade. A cinza recebida na fronte não humilha, ela devolve lucidez. Recorda-nos nossa fragilidade, mas também a fidelidade de Deus que sustenta nossa caminhada. Num mundo marcado por desempenho, produtividade e exposição constante, a Igreja propõe quarenta dias de sobriedade, escuta e retorno ao essencial. Não para diminuir a vida, mas para purificá-la, devolvendo-lhe unidade, profundidade e sentido.

Na mensagem para esta Quaresma, o Santo Padre, o papa Leão XIV, recorda que este é tempo de esperança concreta, especialmente em meio às crises que atravessam o mundo e às fragilidades que atravessam o coração humano. A conversão cristã não nasce do medo, mas da confiança na



misericórdia de Deus, sempre maior que nossas limitações. Sem esperança, a penitência pesa; com esperança, ela liberta. Essa perspectiva impede que a Quaresma seja interpretada como esforço isolado e a recoloca no horizonte da graça que sempre nos precede.

A tradição quaresmal se sustenta no tripé do jejum, da oração e da caridade. O jejum relativiza excessos que nos dominam; a oração restitui o primado da escuta e reordena prioridades; a caridade impede que a fé se feche sobre si mesma e a conduz ao encontro concreto com o outro. Onde a caridade é tímida, a conversão permanece incompleta. Onde a fé não se traduz em compromisso real, ela corre o risco de se tornar apenas discurso.

Foi nessa direção que propusemos à comunidade alguns gestos concretos para este tempo. A centralidade renovada da Eucaristia, a escuta orante da Palavra, a leitura espiritual que forma a consciência e, de modo muito especial, o compromisso mais decidido com a Associação Polivalente São José. Não se trata de campanha pontual, mas de escolha evangélica. Assumir a Associação Polivalente São José com maior generosidade significa permitir que a caridade tenha rosto, nome e responsabilidade concreta. Uma paróquia que celebra com intensidade e não assume com coragem o cuidado social corre o risco de fragmentar a própria identidade.

Talvez o maior desafio seja permitir que a Quaresma nos interpele em profundidade e nos transforme. Não apenas ajustar práticas, mas rever critérios. Não apenas multiplicar reuniões, mas purificar intenções. Não apenas organizar melhor, mas amar melhor. Porque, no fim, não seremos reconhecidos pelo número de atividades realizadas, mas pela verdade do amor vivido, pela qualidade das relações construídas e pela credibilidade do

testemunho oferecido.

A Quaresma não pede que façamos mais. Pede que vivamos com mais verdade. E talvez seja exatamente disso que mais precisamos. Precisamos recordar que ela não possui sentido pleno em si mesma, ela encontra sua verdade à luz da Páscoa do Senhor. Não caminhamos quarenta dias para cultivar esforço espiritual isolado, mas para preparar o coração para o maior acontecimento da nossa fé, a vitória da vida sobre a morte, da graça sobre o pecado e da esperança sobre todo desânimo. É a Páscoa que ilumina a Quaresma e lhe confere densidade. Porque não nos convertemos a uma ideia ou a um ideal abstrato; convertemo-nos a Cristo vivo, que continua a nos chamar, a nos



reconciliar e a nos sustentar com sua graça. É ele quem impede que a penitência se transforme em peso e a converte em caminho de libertação.

Se este tempo for acolhido como verdadeiro kairós, então nossa paróquia não será apenas ativa, mas fecunda; não será apenas numerosa, mas espiritualmente profunda; não será apenas organizada, mas verdadeiramente convertida. E, se a conversão acontecer, ainda que discretamente, estaremos mais preparados para celebrar a Páscoa não como rito repetido, mas como experiência viva que renova a fé, sustenta a esperança e reacende a caridade. A Quaresma não existe para nos sobrecarregar, mas para nos preparar para a alegria pascal. Se ela nos conduzir a Cristo, se nos tornar mais humildes, mais fraternos e mais comprometidos com os que sofrem, então terá cumprido plenamente sua missão.

Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS  
Pároco

## CASAIS CELEBRAM A FESTA DOS ESPONSAIS DOS SANTOS ESPOSOS MARIA E JOSÉ

Na noite de 22 de janeiro, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, em Goiânia, celebrou com grande participação da comunidade a Festa dos Espousais dos Santos Esposos Maria Santíssima e São José. A celebração eucarística foi presidida pelo Pe. Thiago Cordeiro de Moura e reuniu numerosos casais, tendo como convidados, de modo especial, aqueles que celebraram o sacramento do matrimônio na paróquia ao longo do ano de 2025, juntamente com outros casais que participam da vida paroquial.



A igreja esteve completamente lotada, em clima de oração, alegria e profundo sentido de comunhão. A celebração destacou a beleza do matrimônio cristão como vocação, caminho de fé e compromisso assumido diante de Deus e da comunidade. No decorrer da liturgia, os casais foram convidados a renovar publicamente o compromisso matrimonial, recordando que o amor conjugal se constrói no cotidiano, na fidelidade perseverante, na escuta mútua e na doação recíproca.

O gesto da renovação do compromisso matrimonial conferiu um significado especial à celebração. Não se tratou apenas de uma recordação simbólica, mas de um momento de consciência e reafirmação do “sim” pronunciado no dia do matrimônio, agora iluminado pelas experiências, desafios e amadurecimentos próprios da vida a dois. Para os casais que se casaram em 2025, foi também uma oportunidade de se sentirem acolhidos, acompanhados e integrados de modo mais explícito na vida da comunidade paroquial.

A Pastoral Familiar esteve presente, colaborando

na acolhida e na organização dos casais, reafirmando sua missão de acompanhar, orientar e sustentar



as famílias em suas diversas etapas. A celebração foi enriquecida pela música da Orquestra Obra Prima, que contribuiu para o clima orante e solene da liturgia, sob a coordenação da cerimonialista Fernanda Neves.

A escolha dos Santos Esposos Maria Santíssima e São José como referência para esta celebração possui um significado particular para a paróquia, confiada pastoralmente aos padres estigmatinos. São Gaspar Bertoni, fundador da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, escolheu Maria e José como patronos da Congregação por reconhecer neles um modelo luminoso de fidelidade a Deus, escuta atenta de sua vontade, amor vivido no silêncio, responsabilidade assumida sem protagonismos e confiança radical na providência divina.

Ao contemplar os Santos Esposos, os casais foram convidados a redescobrir o valor de um amor que não se sustenta apenas nos sentimentos, mas se enraíza na decisão diária de permanecer, cuidar, renunciar e confiar. Maria e José continuam a ser, para a Igreja e para as famílias, sinal de que o amor verdadeiro cresce na simplicidade da vida cotidiana, quando é vivido à luz da fé.

A paróquia agradece a todos os que colaboraram direta ou indiretamente na organização desta celebração e manifesta o desejo de que este momento se consolide, ano após ano, como uma referência importante e significativa para a vida dos casais e para toda a comunidade paroquial, fortalecendo os laços de fé, comunhão e responsabilidade na missão.

## RECADASTRAMENTO DOS DÍZIMISTAS FORTALECE A MISSÃO E A CORRESPONSABILIDADE PAROQUIAL

No final de semana dos dias 31 de janeiro e 1º de fevereiro, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges deu início ao processo de cadastramento e recadastramento dos dizimistas, um caminho que seguirá ao longo de todo o mês de fevereiro. Mais do que atualização de dados ou organização administrativa, trata-se de uma iniciativa que toca a consciência eclesial da comunidade. O dízimo, antes de ser contribuição material, é expressão concreta de pertença. Ele manifesta a decisão de participar ativamente da vida da Igreja, assumindo não apenas seus benefícios, mas também responsabilidades reais na missão evangelizadora que sustenta a comunidade no cotidiano.



A experiência pastoral mostra que uma paróquia não se mantém viva apenas por tradição, localização ou estrutura física. Ela cresce quando seus membros compreendem que a fé pede participação concreta e compromisso estável. O dízimo nasce dessa consciência. Não é taxa religiosa nem obrigação burocrática. É gesto espiritual, expressão de gratidão e ato de confiança. Ao partilhar os próprios bens, o fiel reconhece que tudo provém de Deus e se dispõe a colaborar para que a comunidade continue sendo espaço de anúncio da Palavra, celebração dos sacramentos, formação cristã e serviço fraterno.

Na prática pastoral, esse trabalho ganha rosto e história. Há agentes que acolhem pessoas no plantão, visitam famílias, escutam dificuldades, esclarecem dúvidas e ajudam a reconstruir vínculos com a vida paroquial. Muitas vezes o primeiro passo de retorno à comunidade acontece exata-

mente nesse contato simples, discreto e respeitoso. A pastoral do dízimo, quando vivida com sensibilidade, torna-se verdadeiro ministério de aproximação, ajudando pessoas a redescobrir que pertencem a uma comunidade que as conhece pelo nome e se importa com sua caminhada.

Os desafios, porém, são reais. A cultura contemporânea favorece vínculos mais frágeis, participação ocasional e certa resistência a compromissos estáveis. Soma-se a isso a realidade econômica de muitas famílias, que exige sensibilidade pastoral, prudência e proximidade humana. Não basta aguardar que as pessoas procurem espontaneamente a Sala do Plantão do Dízimo ou respondam apenas a campanhas pontuais. Essa pastoral é chamada a assumir postura missionária, aproximando-se das famílias, dialogando com as demais pastorais e ajudando a comunidade a compreender, com serenidade, que a contribuição material possui também dimensão espiritual e comunitária.



Também é importante reconhecer os desafios concretos que a paróquia enfrenta diariamente. A manutenção dos espaços celebrativos e pastorais, a continuidade das obras necessárias, a reutilização criativa dos ambientes para diversas atividades formativas e evangelizadoras, o investimento na qualidade das celebrações, a formação permanente dos agentes e a presença qualificada junto à Associação Polivalente São José e às demais pastorais sociais exigem organização, recursos e

corresponsabilidade constante. A evangelização possui custos humanos, pastorais e materiais, e sustentá-la é responsabilidade compartilhada.

Quando bem compreendido, o dízimo fortalece toda a vida paroquial. Ele sustenta a liturgia, a catequese, as ações sociais, a formação dos agentes, a assistência aos mais vulneráveis e a continuidade das iniciativas missionárias. Mais do que garantir funcionamento administrativo, ele permite que a paróquia continue sendo presença evangelizadora estável no território, capaz de acolher, formar, celebrar e servir com dignidade e constância.

Cresce entre nós a consciência de que uma comunidade viva não acontece por acaso. Ela é fruto de fé partilhada, trabalho perseverante e compromisso assumido. O dízimo educa para a gratidão, amadu-

rece o senso de pertença e fortalece a dimensão missionária da Igreja. Mas ele também nos provoca. Uma comunidade cristã não pode acomodar-se nem reduzir sua participação ao mínimo confortável. A fé, quando autêntica, sempre nos convida a dar um passo a mais.

Sustentar a comunidade não é tarefa de alguns nem responsabilidade delegável. É vocação de todos. Quando cada fiel assume sua parte com generosidade, a paróquia se fortalece, a missão avança e a comunhão se torna visível. E, no fundo, o dízimo nos recorda algo essencial: a Igreja não se mantém apenas por estruturas, mas pela fé concreta de pessoas que acreditam que vale a pena investir tempo, recursos e vida para que o Evangelho continue encontrando casa entre nós.

## *PARÓQUIA CELEBRA A FESTA DA APRESENTAÇÃO DO SENHOR COM PROCISSÃO DAS VELAS*



A Festa da Apresentação do Senhor foi celebrada em nossa paróquia com significativa participação dos fiéis numa liturgia marcada por recolhimento, beleza simbólica e profunda densidade espiritual. A celebração teve início às 6h45 no saguão da igreja paroquial, conforme a forma mais solene proposta pelo Missal Romano para esta festa. Ali foram abençoadas as velas, gesto que recorda Cristo como luz que vem ao encontro da humanidade.

Em seguida, os fiéis entraram em procissão na igreja com as velas acesas. O movimento silencioso da assembleia, iluminada apenas por essa luz, cria sempre um clima particular. Não é apenas um rito bonito, é expressão visível da fé cristã que

caminha, que não permanece estática, que avança sustentada por uma promessa.

Celebrada quarenta dias após o Natal, essa festa recorda o momento em que Maria e José apresentam o Menino Jesus no Templo. Trata-se de um gesto de fidelidade à tradição religiosa de Israel, mas também de uma manifestação mais ampla: ali começa a revelação pública daquele que será reconhecido como luz para todos os povos. A liturgia conserva esse duplo movimento, memória histórica e atualização espiritual.

Na homilia, Padre Rubens chamou a atenção para a figura de Simeão e Ana, dois anciãos que representam uma humanidade que aprende a esperar sem perder a confiança. Simeão é descrito pelo Evangelho como homem justo e atento ao Espírito; Ana, mulher perseverante na oração e no serviço. Ambos reconhecem em Jesus a esperança aguardada durante anos. Não se trata apenas de emoção religiosa, mas de uma fé amadurecida pela paciência, pela vigilância e pela capacidade de perceber Deus nas manifestações discretas da história. A reflexão destacou que a esperança cristã não nasce do otimismo ingênuo, mas da certeza de que Deus continua agindo, mesmo quando os sinais parecem pequenos ou silenciosos.

Essa perspectiva toca diretamente a vida pastoral de hoje. Vivemos tempos de muitas atividades, demandas e urgências. A experiência de Simeão e



Ana recorda que a fé não se sustenta apenas pela ação, mas também pela escuta, pela disponibilidade interior e pela confiança que atravessa o tempo sem se esgotar. Reconhecer Cristo presente na história exige esse olhar paciente, atento e generoso.

A procissão das velas, nesse contexto, ganha novo significado. Ela não representa apenas tradição litúrgica, mas uma pedagogia espiritual.

Caminhar com a luz nas mãos é admitir que precisamos ser guiados. É aceitar que a fé não elimina todas as incertezas, mas oferece direção, horizonte e sentido.

Talvez seja justamente isso que torna essa celebração tão atual. Num mundo marcado por excesso de informação, pressa constante e certa dificuldade de silêncio interior, a liturgia propõe um ritmo diferente. Não impõe respostas prontas, mas convida a reconhecer que Deus continua vindo ao encontro da humanidade, muitas vezes de modo simples e discreto.

A forte participação da comunidade nesta celebração mostra que essa intuição permanece viva. Quando a liturgia é vivida com autenticidade, ela não se reduz a rito repetido, torna-se experiência que sustenta a caminhada pessoal e comunitária. E isso, no fundo, é o que todos buscamos: uma fé capaz de iluminar a vida real, sem artificialidade, sem peso excessivo, mas também sem superficialidade.

## *FIÉIS PARTICIPAM DA BÊNÇÃO DA GARGANTA NA FESTA DE SÃO BRÁS*

A festa de São Brás foi vivida em nossa paróquia com expressiva participação dos fiéis. Foram celebradas três missas, todas com excelente frequência, e em cada uma delas foi concedida a tradicional bênção da garganta. O gesto, simples na forma, carrega uma densidade espiritual que atravessa séculos de tradição cristã e continua a falar ao coração do povo.

A celebração ocorre no dia 3 de fevereiro, logo após a Festa da Apresentação do Senhor. No dia 2, a Igreja abençoa as velas, símbolo de Cristo Luz do mundo, e são essas mesmas velas que, no dia seguinte, são utilizadas no rito da bênção da garganta. Existe aí uma continuidade litúrgica significativa. A luz que recorda Cristo apresentado no Templo torna-se também sinal de cuidado para a fragilidade humana.

São Brás foi bispo e mártir nos primeiros séculos da Igreja, provavelmente na região da Armênia. A tradição o apresenta como pastor próximo do povo, atento sobretudo aos enfermos. Um antigo relato conta que ele teria salvado uma criança que se encontrava sufocada por uma espinha de peixe presa na garganta, fato que deu origem à associação

do santo com a proteção contra doenças dessa região do corpo. Mais do que um episódio isolado, essa narrativa expressa a confiança cristã na intercessão dos santos e na presença cuidadosa de Deus na história.



A bênção da garganta, realizada com duas velas cruzadas diante do pescoço do fiel, não é gesto mágico nem substitui os cuidados médicos necessários. Trata-se de oração da Igreja que pede saúde do

corpo e serenidade do espírito. É súplica humilde para que Deus proteja aquilo que é essencial à vida humana, a respiração, a voz, a comunicação.

Existe também um significado espiritual mais profundo. A garganta é instrumento da palavra. Por meio dela louvamos, ensinamos, pedimos perdão, reconciliamos, ferimos ou consolamos. Pedir proteção para a garganta é pedir também que nossas palavras sejam mais responsáveis, verdadeiras e caridosas. Num tempo marcado por ruídos excessivos e discursos agressivos, a bênção de São Brás torna-se convite à sobriedade da linguagem e à construção de relações mais fraternas.

A forte participação nas celebrações mostra que essa tradição permanece viva e significativa. As devoções populares, quando bem compreendidas,

não são superstição, mas expressão concreta da fé encarnada. Elas aproximam a Igreja das fragilidades humanas e recordam que Deus cuida da pessoa por inteiro.

Celebrar São Brás nos ajuda a recordar que a fé toca o corpo, ilumina a palavra e orienta a vida. Ao mesmo tempo, fortalece nossa caminhada comunitária, renovando vínculos, despertando confiança e reafirmando o compromisso de que nossa voz, protegida pela graça, seja sempre instrumento de comunhão, esperança e cuidado fraterno na vida de nossa paróquia.

## *ROMARIA DO TERÇO DOS HOMENS REÚNE MILHARES EM APARECIDA E FORTALECE A ORAÇÃO PELAS FAMÍLIAS*

Entre os dias 6 e 8 de fevereiro de 2026, o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida voltou a tornar-se um grande espaço de convergência espiritual com a realização da 18ª Romaria Nacional do Terço dos Homens. Aproximadamente cem mil participantes passaram pela casa da Mãe Aparecida nesses dias. O número impressiona, mas o essencial não está na estatística, está no gesto. Homens que interrompem a rotina, deixam trabalho, família e compromissos imediatos para atravessar distâncias e rezar juntos. Num tempo marcado pela pressa, pelo excesso de estímulos e por uma vida frequentemente fragmentada, essa decisão revela que permanece viva uma necessidade humana profunda: encontrar sentido, reorganizar o interior e recolocar Deus no centro da própria existência.

Esse movimento toca diretamente a dimensão antropológica do homem contemporâneo. Muitos vivem sob forte pressão profissional, enfrentam exigências econômicas crescentes, responsabilidades familiares complexas e, ao mesmo tempo, carregam uma solidão pouco verbalizada. A cultura atual oferece desempenho, produtividade e consumo, mas raramente oferece silêncio, interioridade e sentido. A oração comunitária surge então como espaço de recomposição interior. Não resolve magicamente os problemas, mas reorganiza o olhar, fortalece a consciência e ajuda o homem a habitar a própria vida com mais lucidez e equilíbrio.



O tema deste ano, “Com a fé de Maria, rezamos pelas famílias”, acompanhado do lema “Eu e minha casa serviremos ao Senhor”, insere essa experiência numa perspectiva teológica clara. A família continua sendo lugar privilegiado da transmissão da fé e da construção humana. Quando a oração desaparece da vida familiar, não se perde apenas um hábito religioso, perde-se uma referência espiritual que sustenta decisões, orienta valores e gera estabilidade afetiva. A espiritualidade mariana, longe de qualquer sentimentalismo superficial, recorda a confiança, a perseverança e a escuta como atitudes fundamentais da vida cristã. A programação da romaria favoreceu esse itinerário espiritual com equilíbrio. A acolhida, a missa de abertura, a procissão luminosa e a vigília noturna criaram um clima de recolhimento e pertença. O sábado trouxe celebrações, momentos formativos, a oração solene do terço com consagração no Altar Central e espaços de convivência



que reforçam a dimensão comunitária da fé. O domingo, com a chamada Escola de Maria e a missa de envio, apontou para a continuidade da experiência na vida cotidiana. Peregrinar não é escapar da realidade, é voltar para ela com mais consciência, serenidade e responsabilidade.



Do ponto de vista sociológico, o fenômeno do Terço dos Homens continua chamando atenção. Em uma sociedade cada vez mais individualizada e mediada por relações digitais, encontros presenciais marcados pela oração comum seguem reunindo multidões. Isso revela que a dimensão religiosa ainda exerce papel estruturante na vida social brasileira. A fé não é apenas herança cultural, continua sendo fator de pertencimento, identidade e coesão comunitária, especialmente quando vivida de forma simples e constante.

Também no plano psicológico os efeitos são perceptíveis. Muitos homens encontram dificuldade para expressar fragilidades, partilhar inquietações ou mesmo falar da própria fé. A oração comunitária cria um espaço seguro onde a presença não exige desempenho, apenas fidelidade. Na vigília noturna, enquanto milhares rezavam em uníssono, era possível ver homens simples, alguns de mãos caçadas, outros de olhar cansado, segurando o terço com firmeza e silêncio profundo. Não havia discursos longos, apenas o som ritmado da oração repetida. Ali não se buscava espetáculo religioso, mas sustentação interior. O silêncio partilhado, a

repetição serena do terço, a escuta da Palavra e a convivência fraterna contribuem para maior equilíbrio emocional, redução de tensões e fortalecimento das relações familiares. A espiritualidade, nesse sentido, revela-se também caminho de saúde humana.

Nossa Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges esteve presente nessa romaria por meio do grupo do Terço dos Homens. A experiência foi vivida com simplicidade, espírito fraterno e confiança na intercessão de Nossa Senhora e de São José. Quem participou voltou com maior serenidade interior e com o desejo renovado de perseverar na oração e no compromisso comunitário. Peregrinações autênticas não produzem agitação passageira, produzem raízes. E a Igreja precisa de homens enraizados, capazes de sustentar suas famílias com fé equilibrada e presença responsável.

Importa recordar que a romaria anual é apenas o momento mais visível de um caminho que se constrói na regularidade semanal. O movimento do Terço dos Homens, surgido no Nordeste brasileiro ainda na década de 1930, cresceu de forma orgânica exatamente porque responde a uma necessidade concreta. Homens precisam de espaços onde possam rezar juntos, amadurecer espiritualmente, construir amizades sólidas e fortalecer a própria identidade cristã. É por isso que, em nossa paróquia, todas as segundas-feiras, às 19 horas, acontece o Terço dos Homens. Ali se constrói, de forma simples e perseverante, aquilo que depois se manifesta nas grandes romarias. Ali há oração, formação, partilha e crescimento interior. Não se trata apenas de repetir fórmulas, trata-se de educar o coração, fortalecer a consciência cristã e assumir com maturidade a própria missão na família e na comunidade.

A próxima Romaria Nacional do Terço dos Homens já está confirmada para os dias 19, 20 e 21 de fevereiro de 2027. A expectativa é ampliar a participação, mas sobretudo aprofundar a qualidade espiritual da experiência. O futuro desse movimento não depende apenas de grandes encontros, depende da fidelidade semanal, da perseverança silenciosa e da decisão pessoal de cada homem de assumir a oração como parte essencial de sua vida. Se isso continuar acontecendo, não apenas teremos romarias mais numerosas, teremos famílias mais estáveis, comunidades mais maduras e uma Igreja com homens espiritualmente conscientes de sua missão.

## ABERTURA DO ANO PASTORAL ARQUIDIOCESANO CONVIDA A PARÓQUIA A REFLETIR SOBRE MORADIA E COMPROMISSO CRISTÃO



Abrir um ano pastoral nunca se reduz a organizar agendas, distribuir tarefas ou alinhar prioridades administrativas. No fundo, trata-se sempre de um discernimento espiritual sobre o caminho que a comunidade deseja assumir como Igreja inserida na vida concreta das pessoas. Foi nesse horizonte que, no dia 7 de fevereiro, no Centro Pastoral Dom Fernando, a Arquidiocese de Goiânia iniciou oficialmente o Ano Pastoral 2026, colocando no centro da reflexão a Campanha da Fraternidade dedicada ao tema “Fraternidade e Moradia”. A escolha não tem caráter circunstancial nem responde apenas a um calendário temático. Ela toca uma das realidades mais sensíveis do contexto urbano contemporâneo e interpela diretamente a consciência cristã, convidando a Igreja a olhar novamente para aquilo que, muitas vezes, se torna invisível no cotidiano das cidades.

A moradia é a forma mais concreta de estabilidade humana. Antes de qualquer projeto pessoal ou familiar, é preciso um chão seguro onde a vida possa se desenvolver com dignidade. A casa não é apenas construção física, mas espaço simbólico de pertencimento, proteção, identidade e memória. Quando essa base se fragiliza, a instabilidade não permanece apenas no plano material. Ela atravessa vínculos familiares, afeta a saúde emocional, compromete o desenvolvimento das crianças e reduz perspectivas de futuro. A precariedade habitacional costuma vir acompanhada de outras vulnerabilidades, criando um ciclo difícil de romper e exigindo respostas que integrem sensibilidade social, discernimento pastoral e responsabili-



dade comunitária.

O Brasil ainda convive com déficit habitacional significativo, estimado em mais de seis milhões de moradias, número que por si só já revela a dimensão do desafio. Nas grandes cidades, inclusive na região metropolitana de Goiânia, a expansão de ocupações precárias, loteamentos improvisados e habitações sem infraestrutura básica mostra que o problema permanece atual e complexo. Por trás dessas estatísticas existem histórias concretas, famílias que constroem a vida em condições frágeis, muitas vezes entre imprevisto e esperança persistente. São pessoas que não aparecem nos grandes debates públicos, mas cuja realidade interpela silenciosamente a consciência social e também a missão da Igreja.

Ao assumir esse tema, a Igreja não entra em campo estranho. A Doutrina Social sempre afirmou que a dignidade humana exige condições reais de vida e que o direito à moradia se relaciona diretamente com o destino universal dos bens e com a função social da propriedade. Falar disso não significa deslocar a fé para disputas ideológicas, mas reconhecer que o Evangelho possui consequências concretas na história. A tradição cristã sempre insistiu que a fé, quando autêntica, busca traduzir-se em cuidado com a vida humana, especialmente onde ela se encontra mais vulnerável.

A própria Escritura confirma essa perspectiva com grande densidade simbólica e teológica. O Deus bíblico escuta o clamor dos que sofrem, acompanha um povo sem-terra no Êxodo e se revela na história concreta de homens e mulheres marcados por

fragilidade e esperança. No Novo Testamento, a afirmação de que o Verbo “veio morar entre nós” revela algo decisivo. Deus não realizou visita distante nem intervenção pontual. Escolheu habitar nossa condição, compartilhar nossas alegrias e dores, assumir a história humana por dentro. A partir dessa convicção, refletir sobre moradia deixa de ser apenas questão social e assume profunda dimensão teológica.

Esse tema toca de modo particular a história da nossa paróquia. Entre as diversas pastorais que estruturaram sua caminhada ao longo dos anos, existiu uma Pastoral da Moradia bastante atuante e organizada. Não se tratava de iniciativa ocasional nem resposta improvisada a emergências pontuais. Era parte orgânica da missão comunitária. Mais de duzentas casas foram construídas em regiões periféricas de Goiânia, oferecendo dignidade a famílias que viviam sob barracões de lona, muitas vezes expostas à chuva, ao frio e à insegurança constante. Aquela experiência permanece como memória viva de uma fé que soube traduzir compaixão em ação concreta.

Recordar essa história não significa alimentar nostalgia nem repetir modelos sem discernimento. Serve para recordar que a caridade cristã, quando se organiza com responsabilidade e perseverança, ultrapassa o assistencialismo imediato e pode gerar processos duradouros de transformação social. A Pastoral da Moradia demonstrou isso com recursos limitados, mas com grande mobilização comunitária, sensibilidade pastoral e profundo senso eclesial. Foi experiência que deixou marcas na vida de muitas famílias e também na identidade da própria comunidade paroquial.

Hoje, o Estatuto da Associação Polivalente São José mantém viva essa dimensão social ao prever iniciativas voltadas à promoção integral da pessoa humana, inclusive no campo da moradia e da dignidade social. Existe, portanto, base histórica, institucional e espiritual para que essa frente seja novamente discernida, sempre com atenção às novas realidades urbanas, às políticas públicas disponíveis e às possibilidades concretas da comunidade. Não se trata de reproduzir o passado, mas de permitir que a memória inspire novos caminhos.

A própria identidade visual da Campanha da Fraternidade deste ano aprofunda essa reflexão. A imagem do Cristo sem teto, inspirada em esculturas presentes em várias cidades do mundo, provoca impacto imediato e desconcertante. Ela recorda que o Senhor continua presente nas periferias humanas, nos rostos muitas vezes invisíveis da sociedade,

nas situações em que a dignidade parece ameaçada. Não é apenas recurso artístico. É convite espiritual a reconhecer Cristo onde a fragilidade humana se manifesta de forma mais evidente.

O lema bíblico da campanha reforça essa perspectiva. “Ele veio morar entre nós” expressa o coração da fé cristã. Deus escolheu habitar a realidade humana concreta. Diante de tantas famílias sem moradia digna, a comunidade cristã é chamada a olhar essa situação não apenas como questão social, mas como interpelação espiritual profunda. Onde falta casa, frequentemente falta também reconhecimento pleno da dignidade humana e do valor inalienável de cada pessoa.

Os desafios atuais são diferentes daqueles enfrentados décadas atrás. As cidades cresceram, as dinâmicas urbanas se tornaram mais complexas, as demandas sociais se diversificaram. Ninguém propõe repetir soluções antigas de modo automático. O que permanece é a necessidade de discernimento comunitário e sensibilidade evangélica. A pergunta inevitável continua diante de nós: a comunidade cristã se limitará a analisar a realidade ou buscará respostas proporcionais às suas possibilidades concretas?

Ignorar a crise habitacional é sempre mais confortável. Enfrentá-la exige articulação, perseverança, diálogo e visão pastoral ampla. A Campanha da Fraternidade deste ano oferece oportunidade privilegiada para reabrir essa reflexão com maturidade, sem precipitação, mas também sem indiferença. A fé não simplifica os problemas sociais, mas impede que nos acostumemos a eles ou que os consideremos inevitáveis.

Nesse contexto, a abertura do Ano Pastoral pode tornar-se verdadeiro ponto de inflexão para a comunidade. Não necessariamente para lançar projetos imediatos, mas para reacender a consciência de que a caridade, quando organizada, se torna testemunho público do Evangelho vivido. Uma paróquia que já ajudou famílias a conquistarem moradia digna sabe, pela própria experiência, que caminhos podem surgir quando existe mobilização comunitária, sensibilidade pastoral e disposição interior para caminhar juntos.

A realidade das famílias que ainda lutam por um lugar seguro para viver não pode permanecer apenas como tema de reflexão. Ela toca diretamente a consciência cristã e pede respostas proporcionais às possibilidades de cada comunidade. Quando a fé se aproxima da vida concreta das pessoas, a Igreja deixa de falar apenas sobre o Evangelho e passa a torná-lo visível na história, ali onde a dignidade humana precisa ser protegida e reconstruída.

## ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA APRESENTA CAMINHO PASTORAL PARA 2026 E CONVOCA IGREJA À RENOVAÇÃO ESPIRITUAL E MISSIONÁRIA

Há momentos na vida de uma Igreja Particular em que o tempo deixa de ser simples sucessão de datas e se transforma em consciência histórica e espiritual. A Mensagem Pastoral dirigida ao povo de Deus da Arquidiocese de Goiânia, projetando o caminho eclesial para os próximos anos, nasce exatamente nesse horizonte mais profundo. Não se trata apenas de um comunicado organizativo nem de um calendário de eventos. É antes um discernimento pastoral que procura situar a Igreja entre memória e missão, entre gratidão pelo caminho percorrido e responsabilidade diante dos desafios que se

envio missionário, capaz de moldar a própria identidade eclesial.

Esse caminho espiritual é situado dentro de um contexto histórico significativo. Em 2026, a Arquidiocese celebrará 70 anos de sua criação, ocorrida em março de 1956, e no ano seguinte recordará também os 70 anos de sua instalação e da posse de seu primeiro arcebispo, Dom Fernando Gomes dos Santos. Essas datas não aparecem como simples marcos comemorativos. Elas evocam a trajetória de uma Igreja que cresceu em meio às transformações sociais e urbanas de Goiás, estruturou comunidades, formou lideranças, consolidou



apresentam, convidando toda a comunidade eclesial a um processo de renovação espiritual, comunhão e compromisso missionário.

Assinada pelo arcebispo metropolitano e pelos bispos auxiliares, a mensagem propõe um verdadeiro itinerário espiritual que se inicia na Solenidade de Corpus Christi de 2026 e se estende até a realização do 19º Congresso Eucarístico Nacional, previsto para setembro de 2027. O objetivo não é apenas preparar um grande evento, mas revigorar a vida espiritual das comunidades, fortalecer a unidade e impulsionar a missão evangelizadora a partir da centralidade da Eucaristia, reconhecida pela tradição da Igreja como fonte e ápice de toda a vida cristã. A Eucaristia, memorial da Páscoa do Senhor, não é apenas objeto de devoção, mas escola permanente de comunhão, reconciliação e

paróquias e desenvolveu ampla presença pastoral e social. Recordar essa história significa reconhecer a ação providente de Deus ao longo do tempo e assumir a responsabilidade de dar continuidade a essa herança espiritual e missionária.

Outras celebrações reforçam esse enraizamento histórico e social. Entre elas destacam-se os 75 anos da Vila São Cotelengo, os 90 anos da Santa Casa de Misericórdia, os 100 anos de nascimento de Dom Antônio Ribeiro de Oliveira e os 80 anos de vida de Dom Washington Cruz. Mais que datas institucionais, esses marcos revelam uma Igreja que se fez presença concreta junto aos pobres, aos enfermos e aos mais vulneráveis, compreendendo que evangelizar implica também cuidar, acolher e promover a dignidade humana. A dimensão caritativa, nesse sentido, não aparece como complemen-

to secundário da vida eclesial, mas como expressão inseparável da fé celebrada.

No centro da proposta pastoral encontra-se a Visita Pastoral Missionária, prevista para acontecer ao longo de quinze meses. Bispos, presbíteros, diáconos e numerosos missionários leigos visitarão residências nas diversas paróquias da Arquidiocese, começando já em 2026 com dezenas de comunidades paroquiais e se estendendo ao ano seguinte. Mais do que estratégia organizativa, trata-se de uma escolha eclesiológica. A Igreja é chamada a ser presença que sai ao encontro, que escuta, que fortalece vínculos e reacende a fé nas casas. A visita pastoral, assim compreendida, torna-se expressão concreta de uma Igreja que deseja estar próxima da vida real das pessoas, partilhando suas alegrias, inquietações e desafios.



Teologicamente, esse gesto possui grande significado. A visita pastoral não é apenas ação administrativa do bispo, mas sinal de cuidado pastoral, ocasião de discernimento comunitário e impulso missionário. Ela permite avaliar caminhos, encorajar iniciativas, fortalecer a comunhão e indicar prioridades pastorais. Ao envolver também leigos missionários, reafirma-se a corresponsabilidade eclesial que brota do batismo e da participação comum na vida de Cristo. A missão não pertence a alguns especialistas, mas constitui vocação de todo o povo de Deus.

A mensagem articula ainda o Ano Eucarístico com diversos momentos fortes da vida litúrgica e pastoral. A Quaresma e a Campanha da Fraternidade aparecem como tempo privilegiado de conversão concreta; a Romaria Penitencial ao Santuário do Divino Pai Eterno, a mobilização dos jovens para a Lectio Divina nas paróquias, o encontro arquidiocesano dos Ministros Extraordinários da Comunhão, a Vigília de Pentecostes celebrada em todas as comunidades e a

solenidade de Corpus Christi com envio missionário configuram um percurso orgânico. Espiritualidade, formação e ação pastoral são pensadas de forma integrada, evitando fragmentações e favorecendo maior unidade de propósito. Percebe-se, ao longo de toda a mensagem, uma coerência teológica consistente. A Eucaristia não é apresentada como centro intimista ou apenas devocional, mas como sacramento da unidade e impulso permanente para a missão. O tema do Congresso Eucarístico Nacional, que convida os cristãos a serem “hóstias vivas no mundo para a glória do Pai”, traduz essa espiritualidade de entrega e testemunho. Celebrar a Eucaristia implica deixar-se configurar por Cristo, permitindo que sua lógica de amor e doação inspire relações mais fraternas, práticas pastorais mais evangélicas e compromisso social mais efetivo.

Não se trata, portanto, simplesmente de preparar um evento eclesial ou organizar etapas pastorais bem planejadas. O horizonte proposto é mais profundo e espiritualmente exigente, pois toca a própria identidade da Igreja. Quando a comunidade cristã celebra a Eucaristia, ela não apenas recorda Cristo, mas é continuamente formada por Ele. A Igreja nasce da Eucaristia, vive da comunhão que dela brota e encontra nela a fonte permanente de sua missão. Redescobrir essa centralidade não significa intensificar práticas devocionais isoladas, mas permitir que a lógica da entrega de Cristo configure a vida eclesial, purifique motivações, fortaleça vínculos comunitários e inspire uma presença mais evangélica na sociedade.

Nesse sentido, o caminho proposto para os próximos anos não aponta apenas para celebrações significativas ou iniciativas pastorais bem-organizadas. O que está em jogo é um processo espiritual capaz de amadurecer a fé, integrar celebração e compromisso, aprofundar a comunhão e impulsionar a missão. Uma Igreja verdadeiramente eucarística aprende a ser dom, reconhece-se enviada e transforma a própria vida em testemunho concreto de reconciliação, esperança e caridade. Se esse itinerário for assumido com abertura ao Espírito, a Arquidiocese não apenas celebrará datas importantes ou um congresso relevante, mas poderá experimentar renovação real, tornando-se cada vez mais sinal visível da presença de Cristo na história e instrumento de comunhão no coração da sociedade que é chamada a servir.

## FORMAÇÃO DOS SECRETÁRIOS PAROQUIAIS DESTACA MISSÃO VIVIDA ENTRE ORGANIZAÇÃO E MISERICÓRDIA

No dia 9 de fevereiro, no Centro Pastoral Dom Fernando, a Arquidiocese de Goiânia reuniu secretários e secretárias paroquiais para uma formação que tocou um ponto estrutural da vida da Igreja e, de certo modo, do próprio modo como a Igreja se torna presença concreta no cotidiano das pessoas. O tema proposto, tempo, organização e missão, os desafios da secretaria paroquial, não se limitou a orientações técnicas nem a ajustes administrativos. Ele provocou uma reflexão mais ampla sobre a qualidade do serviço prestado, sobre a responsabilidade pastoral que recai sobre quem está na linha de frente do atendimento e sobre a necessidade de integrar eficiência organizacional com maturidade humana. A condução de Ricardo Magalhães ajudou a recordar que comunicação eficaz e acolhimento não são habilidades superficiais, mas expressões de equilíbrio interior, escuta atenta e consciência clara de que cada atendimento carrega uma dimensão evangelizadora.



Ainda é comum enxergar a secretaria paroquial como o setor dos papéis, das taxas, dos registros e das agendas, quase um departamento paralelo à vida pastoral propriamente dita. Essa leitura, embora difundida, é limitada e empobrecedora. A secretaria é, muitas vezes, o primeiro rosto concreto da Igreja. Antes da homilia, antes da celebração, antes mesmo de qualquer encontro mais profundo com o sacerdote ou com a comunidade, a pessoa encontra a mesa da secretaria paroquial. E ali ela chega com algo profundamente humano e concreto, o pedido de um sacramento, a organização de um matrimônio, a dor recente de um falecimento, uma dúvida sobre a catequese do filho, um conflito familiar, uma inquietação espiritual que ainda não

sabe formular. O modo como é recebida, o tom da resposta, a clareza das orientações e a postura de quem atende não são detalhes periféricos, mas elementos que moldam a percepção que essa pessoa terá da Igreja como casa ou como simples instituição.

Por isso, formar secretários não é apenas organizar melhor um setor da paróquia, nem atualizar procedimentos internos. É assumir uma decisão pastoral consciente e estratégica, reconhecendo que a missão da Igreja passa também pelos espaços aparentemente mais simples e rotineiros. Organizar o tempo não significa apenas distribuir tarefas na agenda ou cumprir prazos com eficiência. Significa compreender que desordem constante gera tensão, e tensão contínua compromete o acolhimento. Manter registros atualizados não é burocracia fria, é responsabilidade eclesial. Responder com clareza não é formalismo, é respeito por quem busca orientação. Quando a secretaria paroquial funciona com serenidade e coerência, quase ninguém comenta, mas toda a paróquia sente os efeitos na fluidez das atividades e na confiança que se constrói. Quando funciona mal, o impacto é imediato, ainda que muitas vezes silencioso, porque a frustração raramente se transforma em reclamação explícita, ela simplesmente afasta.

É preciso acrescentar um ponto que nem sempre é lembrado com a devida honestidade. A secretaria paroquial acolhe pessoas fragilizadas, mas quem trabalha ali também vive sob pressão. Há acúmulo de demandas, prazos apertados, conflitos internos, exigências diversas e, não poucas vezes, incompreensões ou cobranças excessivas. Lidar diariamente com urgências administrativas e emoções alheias exige equilíbrio interior, domínio de si e capacidade de manter serenidade mesmo quando o ambiente se torna tenso. A formação, portanto, não fortalece apenas processos organizacionais, fortalece pessoas concretas, com limites e cansaços reais. Uma Igreja que deseja acolher com misericórdia precisa também cuidar de quem sustenta, no cotidiano, essa porta aberta.

O encontro no Centro Pastoral Dom Fernando ajudou a recordar uma verdade essencial para a vida eclesial. A secretaria paroquial não é a antes-sala da Igreja, ela é parte viva da missão. Se a liturgia é o ápice da vida cristã, o acolhimento

cotidiano é o seu chão concreto, o espaço onde a fé se traduz em atitudes simples e verificáveis. Ali, naquela mesa comum, entre fichas, documentos e agendas, a Igreja continua sua vocação de ser sinal do cuidado de Deus no meio do povo. É a lógica da encarnação que se prolonga na rotina, quando o Evangelho deixa de ser apenas palavra proclamada e se torna postura, tom de voz, paciência e coerên-



cia.

Vivemos um tempo em que as pessoas chegam mais apressadas e, ao mesmo tempo, mais frágeis. Muitas carregam feridas invisíveis, inseguranças, medos e desconfianças acumuladas. Comunicação eficaz não é falar muito nem responder rapidamente, é saber escutar com atenção verdadeira, deixando espaço para que o outro se expresse. Empatia é perceber o que não foi dito explicitamente, é captar a dor que se insinua por trás de uma pergunta objetiva. Maturidade emocional é manter serenidade quando a tensão cresce, quando surge uma reclamação injusta ou quando a pressão do dia parece ultrapassar os limites. Um atendimento ríspido pode fechar portas que levarão anos para serem reabertas. Um gesto simples de atenção

pode ser o início de um caminho de reconciliação com a Igreja e, em alguns casos, com a própria fé.

A nossa Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges esteve representada por suas secretárias, que avaliaram a formação como profundamente necessária para o cotidiano paroquial. A experiência não foi vista como mero aperfeiçoamento técnico, mas como oportunidade de reafirmar convicções fundamentais. A secretaria paroquial é um lugar onde organização e misericórdia precisam caminhar juntas, onde disciplina e caridade não se opõem, mas se completam. É ali que se aprende, todos os dias, que servir bem não é apenas executar tarefas, mas sustentar uma postura coerente com aquilo que a Igreja anuncia.

Se desejamos uma paróquia verdadeiramente missionária, todos os seus setores precisam assumir essa consciência. Missão não acontece apenas no altar, nas homilias ou nas grandes iniciativas pastorais. Ela acontece também no atendimento telefônico, na resposta a uma mensagem enviada fora de horário, na orientação paciente a quem chega desorientado, na serenidade diante de uma crítica ou de uma cobrança. Missão é coerência entre o que se anuncia e o modo como se serve. Investir na formação dos secretários paroquiais é, portanto, investir na credibilidade da evangelização e na imagem concreta da Igreja que as pessoas experimentam.

Entre a organização e a misericórdia, a secretaria paroquial se torna um espaço silencioso, mas decisivo, onde a Igreja revela se é apenas estrutura ou se é, de fato, casa, lugar de acolhimento e fraternidade. E é ali, naquele gesto cotidiano, repetido inúmeras vezes ao longo da semana, que muitas pessoas fazem sua primeira experiência concreta do cuidado de Deus.

## *MINISTROS DA SAGRADA COMUNHÃO INICIAM O ANO FORMATIVO COM HORIZONTE EUCARÍSTICO AMPLIADO*

Na noite de 9 de fevereiro, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges deu início às atividades formativas de 2026 com a primeira reunião dos Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão. Não foi apenas a abertura de um calendário. Foi um gesto de responsabilidade eclesial. Quem serve a Eucaristia não pode viver de improviso. Precisa formar a inteligência da fé, amadurecer a vida espiritual e renovar a consciência do que significa tocar, com as próprias mãos, o

mistério central da Igreja.

A presença significativa dos ministros naquela noite revelou algo que vai além dos números. Revelou compromisso. Revelou compreensão de que o ministério não é extensão da boa vontade, mas resposta a um chamado que exige constância. Servir o Corpo de Cristo no altar e levá-lo aos enfermos é entrar em territórios delicados da vida humana. É estar ao lado do leito de alguém que já não pode sair de casa, perceber o silêncio respeito-

so de um quarto simples, segurar a píxide com reverência e perceber que ali, naquele instante, o céu visita a fragilidade da carne. Quem vive isso sabe que não se trata de função. Trata-se de missão. Durante o encontro, foram apresentados os novos Grupos de Vivência que acompanharão os ministros ao longo do ano. Essa organização em pequenos grupos, consolidada há anos na vida paroquial, não nasce de estratégia administrativa, mas de experiência pastoral. Grupos menores favorecem partilha sincera, correção fraterna quando necessária, escuta atenta e crescimento real. Quando todos estudam o mesmo conteúdo, cria-se unidade formativa; quando rezam juntos, fortalece-se a comunhão; quando refletem a partir da mesma fonte, amadurece o senso eclesial.

O opúsculo formativo preparado para este ano oferece um percurso denso e progressivo. Ele parte da Sagrada Escritura, atravessa a tradição viva da Igreja, dialoga com a reflexão teológica amadurecida ao longo dos séculos e chega às implicações pastorais concretas do ministério. Não é uma sequência de aulas. É um itinerário espiritual. O objetivo não é acumular informações, mas integrar fé celebrada, vida pessoal e compromisso missionário. A Eucaristia ocupa o centro da Igreja, e quem dela se aproxima no exercício do ministério precisa compreendê-la com inteligência, servi-la com reverência e testemunhá-la com coerência.

Ao longo do ano, os ministros serão conduzidos a aprofundar a compreensão do mistério eucarístico em suas múltiplas dimensões, evitando reduções que empobrecem a fé. A Eucaristia não é simples símbolo comunitário, nem prática devocional isolada da vida. É presença real do Senhor, é sacrifício, é comunhão que constrói a Igreja, é alimento que envia à missão. Quando essa compreensão amadurece, a participação na missa deixa de ser rotina. Torna-se encontro. A reverência cresce sem rigidez. A espiritualidade aprofunda-se sem isolamento. O serviço ganha densidade interior.

Há algo que só quem exerce este ministério entende plenamente. O cuidado ao distribuir a comunhão, o silêncio antes de entrar na casa de um enfermo, a consciência de que se leva não um objeto sagrado, mas uma presença viva. Pequenos gestos, repetidos semana após semana, que moldam o coração. A Eucaristia, recebida e entregue, transforma o modo de olhar a própria família, o trabalho, as responsabilidades cotidianas. O ministro aprende que não pode separar altar e vida. O que celebra precisa aparecer em suas atitudes.

Foram ainda apresentados o calendário anual de atividades, os encontros formativos, as datas dos retiros espirituais do primeiro e do segundo semestre e os momentos de adoração ao Santíssimo Sacramento que marcarão o percurso de 2026. Não se trata de formalidade organizativa. A constância na formação e na oração faz parte da fidelidade ao próprio ministério. Quem serve a Eucaristia precisa permanecer próximo da fonte, porque não se sustenta apenas pela prática, mas pela interioridade.



A vitalidade da paróquia passa, em grande parte, pela maturidade daqueles que exercem seus ministérios com consciência e humildade. O ministro extraordinário da Sagrada Comunhão é chamado a ser presença serena, responsável e fraterna no interior da comunidade. Seu testemunho silencioso educa a assembleia. Sua postura reverente ajuda a preservar o sentido do sagrado. Sua vida coerente confirma aquilo que a Igreja proclama.

Ao iniciar este novo ano, a comunidade reconhece e agradece o serviço desses homens e mulheres que, com discrição e fidelidade, colaboram no cuidado do maior tesouro da Igreja. Que a formação proposta, a convivência fraterna e a oração perseverante façam crescer ainda mais o amor à Eucaristia e a consciência de que este ministério não é honra, mas responsabilidade; não é destaque, mas serviço; não é proximidade física do altar, mas proximidade real do mistério.

Porque, no fim das contas, quem leva a Eucaristia aos irmãos aprende que não é ele quem sustenta o Corpo de Cristo. É o Corpo de Cristo que sustenta a sua própria vida.

## *LECTIO DIVINA FORTALECE A ESCUTA DA PALAVRA NA CAMINHADA QUARESIMAL DA PARÓQUIA*

A Lectio Divina não é simplesmente mais uma atividade pastoral entre tantas que compõem o calendário de uma comunidade. Ela expressa uma escolha espiritual concreta da Igreja, colocar a Palavra de Deus no centro da vida cristã. Ao propor esse caminho para o tempo da Quaresma, a Arquidiocese de Goiânia recorda que a escuta da Escritura não é elemento acessório da fé, mas condição para seu amadurecimento e para a renovação missionária das paróquias. A mensagem pastoral arquidiocesana insiste que cada comunidade é chamada a criar espaços reais de encontro com a Palavra, com atenção especial aos jovens, favorecendo não apenas presença física, mas crescimento espiritual consistente e duradouro.

É nesse horizonte que a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges tem assumido com responsabilidade essa proposta, promovendo encontros semanais de Lectio Divina durante a Quaresma, na Tenda das Padroeiras, com participação expressiva da comunidade. Não se trata de atividade improvisada nem de aprofundamento ocasional. É decisão pastoral que nasce da convicção de que a Palavra precisa recuperar o lugar que lhe é próprio, o coração da vida cristã. Quando a comunidade se reúne para ler, meditar, rezar e contemplar a Escritura, não está simplesmente revisitando um texto antigo. Permite que Cristo continue a falar hoje, dentro da história concreta de cada participante, iluminando situações reais, decisões pessoais e o próprio caminho comunitário. A tradição da Lectio Divina é antiga e profundamente enraizada na espiritualidade cristã. Os Padres da Igreja lembravam que a Escritura deve ser lida com o mesmo Espírito com que foi inspirada. Santo Agostinho via na leitura orante um diálogo vivo entre Deus e o coração humano, enquanto São Jerônimo advertia que ignorar as Escrituras é ignorar o próprio Cristo. A tradição monástica transformou essa prática em verdadeiro caminho de configuração interior ao Senhor. Não é estudo acadêmico, embora exija seriedade. Não é devoção isolada, embora favoreça interioridade e silêncio. É encontro. É escuta. É espaço onde a Palavra deixa de ser apenas proclamada e passa a ser acolhida.

No contexto quaresmal, essa experiência ganha densidade particular. A Quaresma não é apenas

tempo de penitência exterior, mas ocasião privilegiada de reorganização interior, revisão de critérios e purificação do olhar. A escuta atenta da Palavra ilumina zonas da vida frequentemente obscurecidas pela pressa, pelo ruído ou pela rotina. Quem participa percebe que a Escritura não acusa nem constrange. Ela chama, orienta e reconduz. A Palavra não pesa sobre a consciência, abre horizonte e sustenta esperança.



Outro aspecto digno de atenção é a presença dos jovens, elemento sublinhado tanto pela Arquidiocese quanto pela própria paróquia. Existe entre eles uma busca real por sentido, mesmo quando não se expressa explicitamente. Quando a Igreja oferece ambiente acolhedor, linguagem acessível e experiência espiritual autêntica, a resposta acontece com naturalidade. Nos encontros realizados, chama atenção o silêncio respeitoso após a proclamação do Evangelho, a seriedade das partilhas e a simplicidade com que perguntas profundas emergem. Não se trata de agitação religiosa passageira, mas de busca sincera por orientação para a vida.

Quem esteve presente percebeu algo difícil de traduzir apenas em números. Após a leitura bíblica, o silêncio não era vazio. Era carregado de significado. Pequenos gestos revelavam interioridade, anotações feitas com cuidado, olhares atentos, partilhas discretas, mas densas. A Palavra deixava de ser apenas escutada para tornar-se experiência vivida, capaz de iluminar decisões concretas e renovar a esperança cotidiana.

Há ainda um elemento pastoral decisivo. Uma paróquia não se constrói apenas por obras visíveis ou eventos expressivos, mas pela qualidade espiritual das experiências que oferece. Quando a



Palavra ocupa lugar central, a liturgia ganha profundidade, a caridade encontra fundamento sólido e a missão deixa de ser ativismo para tornar-se testemunho consciente. A Lectio Divina, nesse sentido, não é atividade paralela. É eixo formativo que sustenta e integra a vida comunitária, fortale-

cendo a identidade eclesial e o compromisso evangelizador.

A culminância desse itinerário na Romaria Penitencial Arquidiocesana ao Santuário do Divino Pai Eterno manifesta coerência espiritual. A escuta conduz à conversão. A conversão conduz ao passo concreto. E o passo concreto fortalece a identidade de Igreja peregrina, que caminha unida, aprende e se deixa transformar pela graça.

No fundo, redescobrimos algo essencial que a tradição cristã nunca deixou de afirmar. Como recorda São Paulo, *fides ex auditu*, a fé nasce da escuta. Quando uma comunidade aprende a silenciar para ouvir a Palavra, abre espaço para que Deus mesmo forme o coração dos seus fiéis e conduza a vida da Igreja. E uma paróquia que se deixa plasmar por essa escuta não apenas promove encontros espirituais. Torna-se, pouco a pouco, Palavra vivida na história, sinal concreto de que Deus continua a falar ao seu povo, iluminando caminhos, sustentando a esperança e renovando a missão.

---

## *CONSAGRAÇÃO A SÃO JOSÉ MOBILIZA 170 HOMENS EM PERCURSO ESPIRITUAL E FORMATIVO*

Na noite de 23 de fevereiro, na Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, cerca de 170 homens deram início a um caminho que ultrapassa claramente a lógica de um simples calendário devocional. Trata-se do percurso preparatório para a consagração a São José, prevista para 19 de março. O número impressiona, mas o dado realmente relevante não é estatístico. O que chama atenção é a pergunta que emerge dessa iniciativa. Que tipo de homens desejamos formar hoje para a família, para a sociedade, para a Igreja e, sobretudo, para a própria vida? Quando essa pergunta é levada a sério, ela toca dimensões profundas. Paternidade, afetividade, responsabilidade profissional, maturidade espiritual, equilíbrio emocional e sentido de pertença deixam de ser temas abstratos e passam a ser critérios concretos de vida.

Não se trata apenas de organizar encontros ou propor mais uma atividade paroquial. O que está em jogo é um processo formativo que precisa alcançar a vida real, aquela que acontece fora do templo, no ritmo muitas vezes exigente do traba-



lho, nas tensões familiares, nas decisões que não aparecem publicamente, mas que moldam a existência. Quando a fé não atravessa esses espaços, ela corre o risco de permanecer apenas como linguagem religiosa, correta talvez, mas pouco



transformadora.

A escolha de São José como referência possui grande densidade simbólica e pastoral. Patrono da Igreja, protetor da família, guardião do Redentor, modelo dos trabalhadores, homem justo e obediente, ele reúne títulos que não são meras fórmulas devocionais. São sínteses de virtudes humanas profundamente necessárias hoje. Num tempo marcado por instabilidade afetiva, insegurança econômica, fragilidade de vínculos e certo desorientamento quanto ao papel masculino, sua figura deixa de ser apenas objeto de devoção e passa a ser referência formativa consistente, concreta e profundamente atual.

Muitos não se afastam da fé por rejeição a Deus. Frequentemente falta uma espiritualidade que dialogue com a vida adulta, com as responsabilidades reais, com as perguntas que surgem quando a juventude passa e as decisões pesam mais. São José oferece essa ponte silenciosa. Ele não aparece como herói religioso nem como figura idealizada. Surge como homem inserido na história, envolvido por responsabilidades familiares, exigências profissionais, deslocamentos inesperados e escolhas difíceis. Sua santidade não o afasta do mundo. Pelo contrário, torna-o mais profundamente enraizado nele.

Os Evangelhos o apresentam como homem justo. Justiça, na tradição bíblica, não é rigidez moral nem simples cumprimento de normas. Significa alinhar a própria vida com Deus e, ao mesmo tempo, com o bem concreto do outro. Diante da gravidez de Maria, sem compreender plenamente o mistério, José poderia ter protegido sua reputação e exposto a dela. Escolhe o contrário. Protege. Cala.

Discernir antes de reagir exige maturidade afetiva e espiritual. Num tempo marcado por julgamentos instantâneos, exposição permanente e reações impulsivas, essa atitude se torna profundamente provocativa e atual.

Sua obediência também merece leitura madura. Não se trata de submissão cega nem de anulação pessoal. Trata-se de confiança ativa que permite reorganizar a própria vida quando Deus interpela. José escuta, levanta-se, ajusta planos, assume riscos, recomeça quando necessário. Sem dramatização excessiva, sem autopromoção espiritual, sem transformar a missão em espetáculo. Apenas fidelidade perseverante.

Convém dizer de forma simples. Ninguém entende tudo. Ninguém acerta sempre. Ainda assim é possível viver com retidão, responsabilidade e fé concreta.

A imagem da oficina ajuda a compreender essa espiritualidade. Madeira bruta não se transforma em peça firme rapidamente. Exige tempo, precisão, paciência, cuidado contínuo. A vida interior segue a mesma lógica. Homens e mulheres amadurecem quando permitem esse trabalho paciente, que ajusta arestas, fortalece estruturas e dá consistência às escolhas.

Quando se fala hoje em crise de paternidade, o problema não se resume à ausência física. Muitas vezes falta presença afetiva, escuta, estabilidade emocional, referência segura. José não gera biologicamente Jesus, mas gera pertencimento. Dá nome, oferece proteção, transmite tradição, sustenta a vida cotidiana sem alarde. Exerce autoridade sem autoritarismo, firmeza sem dureza, presença sem invasão. Não é modelo idealizado. É

modelo humano possível.

O trabalho ocupa lugar decisivo em sua experiência. Rotina exigente, responsabilidade diária, simplicidade concreta. A santidade que emerge de sua vida nasce da fidelidade ao cotidiano, não do extraordinário. Para quem enfrenta pressões profissionais, desafios econômicos e responsabilidades familiares constantes, essa espiritualidade possui grande realismo. A fé não acontece paralelamente à vida. Ela atravessa a vida.

Esse percurso pode produzir frutos que ultrapassam a própria consagração. Homens mais presentes na família, menos dispersos afetivamente, mais responsáveis nas decisões, mais serenos na fé. Quando isso acontece, a família respira melhor, a participação na comunidade ganha consistência e a experiência religiosa deixa de ser acessório para se tornar eixo orientativo para a vida.

Também é preciso evitar ilusões. Toda devoção corre o risco de superficialidade quando se reduz a calendário ou emoção passageira. Celebra-se com entusiasmo, mas a vida permanece igual. Sem transformação concreta, o percurso terá sido bonito, mas pouco formativo.

A consagração prevista para 19 de março terá certamente significado espiritual forte. O peso maior, porém, está no caminho já iniciado. É nele que se aprende justiça nas relações, responsabilidade nas escolhas, presença mais consciente na família, fé menos ornamental e mais estrutural.

São José permanece figura discreta. E justamente aí reside sua força simbólica. Ele recorda que maturidade espiritual não se mede por visibilidade, mas por consistência; não por discursos, mas por escolhas concretas; não por emoções passageiras, mas pela fidelidade que atravessa o tempo. Num mundo que valoriza exposição, desempenho e reconhecimento imediato, sua presença aponta outro caminho, o da solidez interior, da responsabilidade assumida e da fé vivida com simplicidade.

Se esses 170 homens permitirem que esse percurso trabalhe suas convicções com a mesma paciência com que um artesão trabalha a madeira, retirando excessos, ajustando arestas e fortalecendo a estrutura, a consagração deixará de ser apenas um rito. Tornar-se-á uma travessia real. E travessias verdadeiras nunca deixam a pessoa no mesmo lugar.

---

## *ASSOCIAÇÃO POLIVALENTE SÃO JOSÉ REAFIRMA MISSÃO SOCIAL COMO EXPRESSÃO CONCRETA DA FÉ*

A vitalidade de uma comunidade cristã não se mede apenas pela intensidade das celebrações ou pelo número de atividades que constam no calendário paroquial. Ela se revela, sobretudo, na capacidade de transformar fé em responsabilidade concreta diante da vida humana. A Associação Polivalente São José continua sendo um dos espaços mais eloquentes dessa conversão da fé em compromisso. Ali, o Evangelho deixa de ser apenas proclamado e passa a assumir forma de cuidado, formação e promoção da dignidade. Não se trata de uma obra paralela à vida da paróquia, mas de uma expressão orgânica da sua identidade missionária.

O início de 2026 confirmou essa direção. A formação oferecida aos colaboradores e voluntários não foi simples atualização técnica, mas reafirmação de um princípio fundamental: quem serve precisa estar preparado humana e espiritualmente para lidar com realidades complexas. Falar de fortalecimento de vínculos, saúde emocional, organização administrativa e cuidado com crianças neurodivergentes significa reconhecer que a ação social exige competência, equilíbrio e visão ampla.

A caridade, quando se organiza com inteligência e responsabilidade, ganha consistência, continuidade e credibilidade, especialmente num tempo marcado por crescente individualismo e relações cada vez mais frágeis.

Um passo de grande significado pastoral foi a aquisição do imóvel vizinho à atual sede da Associação. O imóvel foi adquirido pela Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, com a necessária autorização da Arquidiocese de Goiânia, e cedido em comodato à Associação Polivalente São José. Esse gesto ultrapassa a dimensão estrutural. Ele expressa comunhão eclesial, visão de futuro e confiança na missão social que vem sendo desenvolvida. Estrutura física, quando orientada pela finalidade correta, não é luxo nem expansão desmedida. É instrumento que amplia possibilidades de acolhimento, organização e qualidade no atendimento oferecido.

No cotidiano da Associação passam histórias que raramente aparecem em relatórios formais. Crianças que encontram ambiente seguro para aprender e conviver, famílias que atravessam



períodos de instabilidade e encontram escuta, orientação e suporte, idosos que redescobrem espaço de pertença, voluntários que percebem que servir não é gesto unilateral, mas experiência que transforma também quem oferece. Essas realidades não podem ser reduzidas a números. São rostos concretos, trajetórias marcadas por esforço e esperança, muitas vezes atravessadas por desigualdades sociais persistentes, que pedem presença responsável e sensível.

Nesse início de ano, a Associação viveu também semanas intensas de atividades concretas. Entre janeiro e fevereiro, sucederam-se formações, encontros de planejamento, atendimentos sociais, iniciativas educativas e ações voltadas à saúde e ao fortalecimento de vínculos comunitários. Nada espetacular à primeira vista, mas profundamente significativo. São gestos cotidianos, muitas vezes silenciosos, que sustentam processos longos de promoção humana. A rotina da Associação não se constrói por eventos isolados, mas por continuidade, presença e perseverança, elementos que, embora discretos, fazem verdadeira diferença na vida de quem encontra ali acolhida, orientação e oportunidade de recomeço.

O trabalho, entretanto, não se sustenta apenas pela boa vontade. Manter atividades permanentes, qualificar equipes, cuidar da manutenção dos espaços, articular parcerias e garantir sustentabilidade financeira exigem disciplina, planejamento e consciência comunitária amadurecida. A



Associação não sobrevive de entusiasmo ocasional. Depende de corresponsabilidade constante. E corresponsabilidade significa reconhecer que a dimensão social da Igreja não é tarefa delegada a alguns poucos, mas expressão concreta da fé de toda a comunidade. Nesse sentido, a própria existência da Associação provoca a paróquia a não se acomodar, a não ceder à indiferença social que por vezes se instala silenciosamente, mas a perceber que a missão social não é apêndice da vida eclesial, e sim consequência natural do Evangelho quando levado a sério.

Vivemos numa sociedade marcada por desigualdades persistentes e, em muitos contextos, crescentes. Ainda existem famílias que lutam diariamente por condições básicas de estabilidade, educação, saúde e acesso a oportunidades. Diante desse cenário, a ação social da Igreja não pode assumir caráter meramente ornamental ou episódico. Ela nasce diretamente do coração do Evangelho, daquele Cristo que se aproximou dos vulneráveis, restaurou dignidades feridas e ensinou que a fé autêntica se comprova na proximidade com quem mais precisa. Quando a Associação investe na promoção humana, ela não realiza apenas serviço social. Torna visível uma convicção profundamente cristã: a Igreja só se torna verdadeiramente casa quando ajuda outros a também encontrarem um lugar seguro para viver, crescer e recomeçar com dignidade.

## ATIVIDADES QUE REVELAM A MATURIDADE PASTORAL DA COMUNIDADE NOS PRIMEIROS MESES DO ANO

Os primeiros meses do ano não são apenas uma retomada de agenda. Eles revelam a consistência real de uma paróquia. É no cotidiano que se percebe se a comunidade vive de entusiasmo passageiro ou de convicções amadurecidas. Janeiro e fevereiro, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, mostraram uma dinâmica pastoral que vai além da simples sucessão de eventos. O que se evidencia é uma integração cada vez mais consciente entre espiritualidade, formação e responsabilidade comunitária.

A celebração da Solenidade de Santa Maria, Mãe

Reuniões da Pastoral da Liturgia, do Dízimo, da Pastoral Vocacional, do Apostolado da Oração, encontros com coroinhas e acólitos, preparação para o Batismo e para o Matrimônio, além da retomada da Oficina de Oração e Vida e dos encontros marianos, indicam que a comunidade começa a compreender que fé não é improvisado. Evangelizar exige agentes formados, conscientes e capazes de articular oração, reflexão e ação. Sem formação consistente, a pastoral se fragiliza; com formação contínua, amadurece e ganha estabilidade.



de Deus, no início do ano, não foi apenas marco litúrgico, mas afirmação teológica clara: a vida cristã começa pela confiança. Maria, ao acolher a Palavra, tornou-se lugar da presença de Deus na história. Uma paróquia que inicia o ano sob esse horizonte recorda que toda ação pastoral precisa nascer da escuta e da disponibilidade interior. As Noites de Adoração, juntamente com a adoração conduzida pelos ministros extraordinários da Sagrada Comunhão, reforçaram essa direção. Não se trata de multiplicar momentos devocionais, mas de sustentar a missão com interioridade verdadeira. Uma pastoral que não se recolhe diante do Mistério pode até funcionar com eficiência, mas dificilmente evangeliza com profundidade.

A formação apareceu com nitidez nesses meses.

de.

Também a dimensão social e humana foi assumida de maneira concreta. O Brechó das Padroeiras reafirmou que a solidariedade não é discurso, mas organização e responsabilidade. O atendimento com acupuntura oferecido à comunidade sinaliza que a Igreja não ignora o cuidado integral da pessoa. Em uma dessas manhãs, enquanto alguns aguardavam atendimento, formou-se espontaneamente uma roda de conversa simples, gente falando da vida, das dificuldades, das esperanças. Ali se percebe que pastoral social não é apenas serviço prestado. É criação de vínculos, é reconstrução silenciosa da dignidade humana.

A vida familiar e comunitária encontrou igualmente espaços significativos. O Grupo Mães Mônica,



os encontros de preparação para o casamento dos catequizandos, as reuniões do dízimo e as iniciativas do grupo jovem Cristo Alegria mostram que a paróquia não trabalha apenas com estruturas, mas com pessoas reais, histórias concretas e desafios contemporâneos. A convivência promovida nesses encontros fortalece vínculos e constrói pertencimento, algo decisivo numa sociedade marcada por fragmentação afetiva e individualismo crescente. Há também sinais pedagógicos que não devem ser subestimados. A bênção das mochilas no início do ano letivo tem força simbólica particular. Crianças e jovens com mochilas e materiais ainda novos, pais discretamente atentos, professores presentes. É a vida cotidiana sendo apresentada a Deus. Esses gestos educam para uma espiritualidade integrada,

na qual fé e existência concreta caminham juntas e se iluminam mutuamente.

O conjunto dessas iniciativas revela uma paróquia que procura evitar dois extremos igualmente perigosos: o ativismo desordenado e a estagnação confortável. Quando oração, formação, caridade e convivência caminham juntas, a comunidade cresce em maturidade eclesial. Não é a quantidade de atividades que sustenta uma paróquia, mas a coerência entre aquilo que se celebra e aquilo que se vive. Comunidade madura não é a que faz mais barulho, mas a que aprende a sustentar o essencial com fidelidade.

No fundo, o que janeiro e fevereiro demonstram é algo mais profundo do que agenda preenchida. Revelam uma comunidade que se constrói com

perseverança, que assume sua missão de forma progressiva e que compreende que evangelizar hoje exige clareza de identidade e responsabilidade partilhada. A paróquia não se mantém viva por tradição nem por localização geográfica. Permanece viva quando seus membros entendem que fé é compromisso e que Igreja é missão. No fim, a força de uma paróquia não se mede pela intensidade do calendário nem pela visibilidade externa de suas iniciativas. Mede-se pela transformação silenciosa que acontece nas pessoas. Quando alguém reencontra sentido na oração, quando uma família se reorganiza, quando um jovem descobre um caminho, quando um agente pastoral amadurece sua consciência de missão, ali a Igreja está cumprindo sua vocação. Janeiro e fevereiro não foram apenas meses movimentados. Foram meses de construção. E uma comunidade que se constrói com fidelidade cotidiana torna-se, pouco a pouco, presença estável de esperança no território onde está inserida.



## *NA CONTEMPLAÇÃO DA VIA-SACRA, A COMUNIDADE RENOVA A FÉ NESTE TEMPO QUARESIMAL*

A prática da Via-Sacra que a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges vem vivendo neste tempo quaresmal tem evidenciado algo que, por vezes, deixamos em segundo plano na pastoral cotidiana. A espiritualidade cristã não amadurece apenas por meio de explicações bem-organizadas ou conteúdos bem estruturados. Ela se aprofunda quando a comunidade se coloca, com disponibilidade interior, diante do mistério da cruz. A presença constante de tantos fiéis nas sextas-feiras da Quaresma, às 18h30, revela uma sede espiritual real, uma busca silenciosa por sentido, reconciliação e aprofundamento da fé.

A Via-Sacra possui força própria porque reconduz ao centro do cristianismo. A fé nasce do acontecimento pascal, da paixão, morte e ressurreição do Senhor. Ao meditar esse caminho, a Igreja não recorda apenas um fato passado. Atualiza, na própria história, o amor de Cristo que continua sustentando a humanidade ferida. Por isso, a espiritualidade quaresmal não pode reduzir-se a práticas exteriores. Trata-se de permitir que o mistério da cruz ilumine decisões concretas, reorganize prioridades e ofereça critério às escolhas da vida.

Nesse percurso espiritual, as pinturas das estações presentes em nossa igreja assumem papel significa-



tivo. São obras concebidas especialmente para este espaço e dialogam com sua arquitetura e luminosidade, integrando-se organicamente ao ambiente celebrativo. As cores intensas, os contrastes bem definidos e a expressividade das figuras favorecem o recolhimento. Não se trata de ornamentação, mas de linguagem simbólica que auxilia a contemplação. A arte, quando está a serviço do mistério, não compete com a oração. Sustenta-a. Não ocupa o centro, mas conduz o olhar e ajuda o coração a permanecer.

O essencial, contudo, ultrapassa a imagem. A Via-Sacra confronta a comunidade com a lógica do



Evangelho, que passa pelo dom de si, pela solidariedade com os que sofrem e pela confiança em Deus mesmo quando o horizonte parece obscurecido. Quem percorre as estações com sinceridade compreende que a cruz não é sinal de fracasso, mas expressão de amor levado até o fim. Essa consciência corrige espiritualidades superficiais e recorda que o seguimento de Cristo envolve fidelidade, perseverança e maturidade no amor. Há também um aspecto pastoral que merece atenção. Em uma cultura marcada pela pressa e pela dispersão, reservar tempo semanal para contemplar a paixão do Senhor torna-se gesto contracultural. A Via-Sacra cria interioridade. Ajuda a recolocar a vida no eixo. Não elimina automaticamente as dificuldades, mas oferece horizonte para enfrentá-las com maior lucidez e esperança. Comunidades que aprendem a rezar

diante da cruz tornam-se mais conscientes de sua missão e mais sensíveis ao sofrimento humano. Nesse contexto, a Campanha da Fraternidade deste ano, dedicada à fraternidade e à moradia, encontra ressonância significativa nesse itinerário espiritual. Contemplar Cristo despojado, ferido e solidário com os que sofrem impede que a fé se torne indiferente às situações concretas de vulnerabilidade. A espiritualidade da cruz, quando autêntica, amplia a responsabilidade social e educa o olhar para reconhecer dignidade onde muitos enxergam apenas carência.

A espiritualidade quaresmal, vivida com seriedade, produz frutos concretos. Aproxima da Palavra, favorece a reconciliação, desperta responsabilidade fraterna e fortalece a comunhão. A cruz contemplada com fé não fecha a pessoa em si mesma. Abre-a ao outro. Não conduz ao intimismo, mas ao compromisso.

Por isso, a experiência que a paróquia vem vivendo com a Via-Sacra merece ser valorizada não apenas pelo número significativo de participantes, mas sobretudo pela qualidade espiritual que está sendo cultivada. Quando uma comunidade aprende a rezar diante do mistério da cruz, amadurece na fé e se torna mais coerente no testemunho.

No fundo, a Quaresma sempre reconduz ao essencial. A contemplação da cruz não pode permanecer apenas como momento devocional ou emoção passageira. Ela exige consequência. Pede conversão concreta, reconciliação buscada com humildade, caridade transformada em atitude e esperança sustentada mesmo quando a cruz continua presente. Quando isso acontece, a Via-Sacra deixa de ser apenas prática quaresmal e passa a tornar-se critério de vida cristã.

---

## *CATEQUESE PAROQUIAL EXIGE MATURIDADE E COMPROMISSO DA COMUNIDADE*

Os dois primeiros meses deste ano não podem ser compreendidos apenas como fase preparatória do calendário pastoral. O que se realizou nesse período foi a estruturação consciente de um processo formativo que sustenta o futuro da comunidade. Antes do início dos encontros catequéticos, houve revisão de itinerários, análise crítica das experiências anteriores, definição de prioridades e organização criteriosa das equipes. Catequese não se improvisa nem se reduz à repetição automática de esquemas herdados. Ela exige

método, clareza teológica e responsabilidade eclesial. Trata-se de uma das tarefas mais decisivas da vida paroquial, porque é nela que se forma a inteligência da fé e se consolida a consciência cristã.

Durante oito dias de inscrições, aproximadamente 600 novos catequizandos foram acolhidos para a Eucaristia, a Crisma e a Iniciação à Vida Cristã. Esse número, somado aos que já permanecem em caminhada, projeta para este ano cerca de mil catequizandos inseridos em nosso itinerário

formativo. Não estamos diante de um dado meramente quantitativo. Estamos diante de mil histórias concretas, mil trajetórias familiares, mil consciências em processo de amadurecimento. Esse crescimento redefine o nível de responsabilidade da comunidade. Expansão numérica sem profundidade formativa gera fragilidade. Crescimento acompanhado de consistência produz maturidade eclesial.

É preciso afirmar com precisão que catequese não são aulas no modelo escolar clássico. Aula organiza conteúdos e mede desempenho cognitivo. A catequese, embora possua progressão temática e critérios pedagógicos, é um itinerário de amadurecimento na fé. Ela introduz progressivamente na vida sacramental, na compreensão orgânica da fé e na experiência comunitária. Integra razão, liberdade, prática litúrgica e compromisso moral. Quando reduzida a esquema escolar, empobrece. Quando dissolvida em mera dinâmica afetiva, esvazia-se. A maturidade exige densidade doutrinal e experiência vivida.

Esse processo não acontece de forma abstrata. Ele é conduzido por cerca de 100 catequistas voluntários que assumem essa missão com seriedade e perseverança. São homens e mulheres que dedicam tempo, estudo e presença concreta para acompanhar crianças, adolescentes e adultos ao longo do ano. Não são repetidores de apostilas. São mediadores de um caminho formativo. Para isso, precisam de formação contínua, equilíbrio humano e clareza da própria identidade cristã. A autoridade do catequista não deriva da função, mas da coerência de vida. Quem educa na fé precisa ter consciência de que está formando critérios e convicções, não apenas preparando para uma celebração.

Uma paróquia que acompanha cerca de mil catequizandos não pode operar por impulso ou tradição automática. É indispensável planejamento anual consistente, formação permanente dos catequistas, integração real com a liturgia dominical e diálogo contínuo com as famílias. A catequese não ocupa posição periférica. Ela estrutura a identidade da comunidade. Se enfraquece, a vida sacramental perde densidade e coerência. Se amadurece, toda a paróquia cresce em consciência e unidade.

Nesse contexto de revisão estrutural e fortalecimento formativo, no dia 28 de fevereiro, pouco mais de 60 catequistas reuniram-se na Fazenda Bela Vista para um retiro espiritual e teológico. O encontro não foi evento paralelo, mas etapa orgânica do processo. Antes de iniciar o acompanhamento



de mil catequizandos, era necessário fortalecer interiormente aqueles que conduzem o itinerário. O estudo do Evangelho segundo Mateus, conduzido pelo Frei Fernando Inácio Peixoto de Castro, permitiu aprofundar o sentido do discipulado, da autoridade que nasce do serviço e da responsabilidade de transmitir a fé com maturidade intelectual e solidez espiritual.

Esse momento evidenciou uma verdade fundamental. Quem forma precisa permanecer em formação. A catequese exige do catequista não apenas generosidade, mas consistência teológica, equilíbrio humano e vida espiritual coerente. Sem isso, corre-se o risco de transformar o encontro catequético em repetição mecânica de conteúdos ou em simples ativismo pastoral. O retiro representou, portanto, um realinhamento de identidade. Antes de conduzir outros, é preciso saber com clareza para onde se caminha.

Há, contudo, um ponto que precisa ser dito com serenidade e firmeza. A catequese não substitui a família. Não compensa a ausência de testemunho doméstico. Se a Eucaristia dominical não ocupa lugar real na vida da casa, se a oração não encontra espaço na rotina familiar, o processo formativo se fragmenta. A comunidade oferece estrutura, acompanhamento e clareza doutrinal. Mas a decisão cotidiana de viver como cristão nasce no interior da pessoa e no ambiente familiar. Sem corresponsabilidade, não há profundidade nem



continuidade.

Ter mil catequizandos é sinal de vitalidade pastoral, mas também é exame de maturidade. Podemos administrar esse número como conquista visível. Ou podemos compreendê-lo como chamado à excelência formativa. A diferença não está no volume, mas na qualidade do acompanhamento. Catequese que preserva tradição sem aprofundar convicção gera cristãos inseguros. Catequese que integra doutrina, liturgia e vida comunitária forma discípulos capazes de sustentar a fé num contexto cultural que relativiza tudo.

O futuro da fé, e também do compromisso comunitário, em nossa paróquia não se decide apenas no altar, nem se esgota na celebração dos sacramentos. Ele está sendo gestado agora, nos espaços de encontro, nos itinerários formativos, nas conversas que despertam perguntas e nas respostas que ajudam a amadurecer convicções. Se a catequese

for conduzida com seriedade intelectual e profundidade espiritual, veremos surgir uma geração de cristãos que não apenas frequentam a Igreja, mas a compreendem, a defendem e a constroem. Estamos formando a consciência da comunidade que existirá daqui a dez, quinze, vinte anos. O modo como educamos hoje determinará o tipo de Igreja que teremos amanhã. Se optarmos pela superficialidade, colheremos fragilidade. Se escolhermos exigência formativa, coerência e integração entre fé e vida, veremos uma comunidade mais sólida, capaz de enfrentar as pressões culturais sem perder identidade. A catequese não é um serviço auxiliar. É o lugar estratégico onde se decide a densidade espiritual e a maturidade eclesial do nosso futuro. E é com essa consciência que devemos caminhar, não apenas para manter o que temos, mas para construir o que ainda podemos ser.

## *PASTORAL FAMILIAR FORTALECE A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DA VIDA PAROQUIAL*

Uma paróquia não nasce pronta nem se sustenta apenas por tradição, localização ou estrutura. Ela se constrói no tempo, no encontro concreto entre pessoas, na fé partilhada e no trabalho perseverante de muitos que, quase sempre sem destaque, assumem sua parte na missão. A comunidade cristã é realidade viva, feita de relações, escuta, cuidado e compromisso. Quando esses elementos se consolidam, a paróquia deixa de ser apenas espaço religioso e se torna verdadeira experiência de comunhão.



expressa uma convicção eclesial: a família permanece lugar decisivo para a transmissão da fé, para a formação humana e para a estabilidade da própria comunidade. Investir na pastoral familiar não é opção secundária. É cuidado com a base sobre a qual a vida paroquial se sustenta.

A atuação da Pastoral Familiar acontece, em grande parte, de modo discreto. Ela se dá na escuta de casais, no acompanhamento de famílias em diferentes etapas da vida, na orientação de pais, no apoio a quem atravessa crises ou incertezas. Não raramente são encontros marcados por lágrimas contidas, dúvidas sobre a educação dos filhos, conflitos silenciosos entre esposos ou medo diante de decisões difíceis. São situações concretas, muitas vezes atravessadas por fragilidade emocional, desafios econômicos e tensões afetivas. Esse serviço exige sensibilidade, maturidade espiritual e profunda capacidade de acolhimento. Seus frutos nem sempre aparecem imediatamente, mas contribuem decisivamente para a saúde humana e espiritual da comunidade.

Nesse mesmo espírito de continuidade e formação permanente, no dia 28 de fevereiro, no Centro Pastoral Santa Edwiges, realizou-se encontro com os agentes da Pastoral Familiar e demais interessados em conhecer mais profundamente o trabalho e a missão desenvolvidos na paróquia. A iniciativa teve como objetivo atualizar conteúdos, partilhar orientações e fortalecer a unidade entre os diversos setores da pastoral, reafirmando que o cuidado com as famílias exige preparação constante, reflexão e compromisso assumido com seriedade.

A referência à Sagrada Família, evocada na celebração, ajuda a compreender a espiritualidade que sustenta esse trabalho. Nazaré não foi cenário idealizado, mas espaço de vida simples, responsabilidades cotidianas, deslocamentos, preocupações e confiança perseverante em Deus. Por isso Maria, José e Jesus permanecem referência concreta para as famílias de hoje. A fé cristã não elimina dificuldades, mas oferece horizonte, sentido e força para atravessá-las com esperança e fidelidade.

Num contexto social marcado por transformações rápidas, insegurança afetiva, sobrecarga emocional e fragilidade dos vínculos, o cuidado pastoral com as famílias torna-se ainda mais necessário. Muitas pessoas buscam orientação, escuta e apoio espiritual. A Pastoral Familiar, quando exercida com equilíbrio e sensibilidade evangélica, torna-se presença que acolhe sem julgamento, orienta sem imposição e sustenta sem substituir. Trata-se de um

trabalho silencioso, mas estruturante para a vida paroquial.

Do ponto de vista teológico e pastoral, a família continua sendo a primeira experiência de comunhão, lugar onde se aprende a amar, dialogar, perdoar e recomeçar. Quando as famílias são acompanhadas, fortalecidas e integradas na vida da Igreja, toda a comunidade cresce em maturidade humana, estabilidade espiritual e consciência missionária. A paróquia se constrói justamente nessa integração entre fé celebrada, vida familiar e compromisso comunitário.



A experiência paroquial confirma algo essencial: comunidade não é apenas lugar onde se participa ocasionalmente, mas realidade que se assume. Quando cresce entre os paroquianos o senso de pertença e corresponsabilidade, a participação se torna mais consciente, os vínculos se fortalecem e a missão ganha consistência. A Pastoral Familiar contribui decisivamente para esse processo, lembrando continuamente que a Igreja começa dentro das casas e que nenhuma comunidade se torna sólida sem famílias acompanhadas, valorizadas e sustentadas na fé.

Assim, o envio celebrado na paróquia não foi apenas um gesto litúrgico. Representou renovação de compromisso e consciência pastoral. A construção da comunidade continua, no cotidiano, com paciência, fidelidade e esperança. Uma paróquia se fortalece quando as famílias se fortalecem. E quando as famílias encontram acompanhamento, escuta e direção segura, toda a comunidade ganha estabilidade, maturidade e futuro. É nesse ritmo, silencioso e perseverante, que a Igreja cresce de verdade.

**COLUNAS FIXAS**  
**UM OLHAR SOBRE A CIDADE**

## *QUANDO A FÉ CONSTRÓI O ESPAÇO E A ARQUITETURA GUARDA A MEMÓRIA*

*Parte 1*  
*Débora Carneiro Ávila*



Antes de existirem projetos detalhados, cálculos estruturais ou arquitetos formados, as igrejas já surgiam a partir do que o povo tinha à disposição, a terra do próprio chão, a madeira das redondezas, telhas moldadas à mão, ferramentas simples e, acima de tudo, fé e união. Esse modo de construir recebe o nome de arquitetura vernacular, expressão concreta do saber tradicional de uma comunidade, nascida da adaptação ao território, ao clima, aos materiais locais e ao modo de vida. Trata-se de um conhecimento transmitido oralmente, aprendido na prática, desenvolvido sem mediações eruditas ou industriais, mas profundamente enraizado na experiência coletiva.

Foi essa mesma harmonia entre construção, território e cultura que levou a UNESCO a reconhecer, em 16 de dezembro de 2001, o Centro Histórico da Cidade de Goiás como Patrimônio Mundial. A cidade demonstra como um modelo urbano de origem europeia soube transformar-se

ao se adaptar ao clima, à geografia e à vida cultural da América do Sul. As fachadas alinhadas, as ruas estreitas, os telhados baixos e o uso de materiais locais revelam a evolução do desenho urbano ao longo do tempo e configuram um testemunho vivo do processo de urbanização colonial.

Esse mesmo princípio, a construção que nasce do território, do saber popular e da vida comunitária, também se revela, em escala mais íntima, na história da primeira Capela de Nossa Senhora Aparecida, na Nova Suíça. Antes de existir o templo, havia o encontro. Antes do altar, existia a mesa. Antes das paredes, existia o povo.

A capela nasceu simples, de estrutura modesta, com o telhado aparente, paredes sem ornamentos, bancos próximos uns dos outros e uma iluminação suave que favorecia o recolhimento. Não impressionava pelo tamanho nem pelos materiais, mas pelo sentido de pertença que gerava. A arquitetura estava a serviço da comunidade, e não o contrário.

Ela não foi desenhada em pranchetas sofisticadas, mas levantada em mutirão. Cada parede, cada banco, cada detalhe construtivo carrega a história das pessoas que ali rezaram, trabalharam e sonharam juntas. O espaço físico tornou-se, assim, memória viva da fé coletiva que deu origem à Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges que conhecemos hoje.

Nos primeiros anos do bairro, a igreja era exatamente isso, a casa onde todos cabiam. Não foi erguida para ser a mais bonita, mas para acolher. A fé veio antes da forma e, justamente por isso, a forma ganhou tanto significado.

Com o crescimento das famílias e do próprio bairro, a igreja também precisou crescer. A construção deixou de ser provisória e passou a ser referência visível no espaço urbano. O templo começou a dialogar com a cidade, não apenas como lugar de culto, mas como ponto de encontro, orientação e



memória afetiva.

A paróquia não foi construída no bairro, foi construída com o bairro. Enquanto as casas surgiam, a igreja surgia também. Enquanto as famílias chegavam, a comunidade se formava. A evolução da igreja acompanha essa história, do chão simples ao piso assentado, dos bancos improvisados ao templo organizado, da pequena capela ao espaço pastoral vivo que hoje acolhe tantas atividades.

A antiga capela, registrada em fotografia, não revela pobreza de recursos, mas riqueza de sentido. Ela recorda que a igreja nunca começou como prédio; sempre começou como povo. Mesmo com o templo hoje estruturado e bem projetado, a essência permanece a mesma, proximidade, acolhida e encontro.

A arquitetura religiosa, afinal, nunca é apenas estética. Ela comunica. A altura do teto sugere transcendência, o altar central reúne a comunidade, a porta aberta convida, a luz natural cria atmosfera de oração. Antes mesmo das palavras, o espaço já educa o olhar e o coração.

Olhar para a primeira capela é olhar para a semente. Olhar para a igreja atual é perceber a árvore que cresceu. Em cada etapa, não foi apenas a construção que avançou, foi a comunidade que amadureceu. A arquitetura mudou. A missão permaneceu. E talvez seja isso que faz de uma igreja mais do que um prédio, ela é a fé de um povo tornada espaço, memória e presença.

---

## *A HISTÓRIA DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA E A CONSTRUÇÃO DA FÉ NA CAPITAL*

*Parte 1*  
*Leonardo Bruno*

A história da Arquidiocese de Goiânia está intimamente ligada ao próprio nascimento da capital goiana e às transformações políticas e sociais que marcaram o Estado de Goiás ao longo do século XX. Na década de 1930, o governo de Pedro Ludovico Teixeira iniciou o projeto de transferência da capital estadual da antiga cidade de Goiás para uma nova cidade planejada, que viria a ser

Goiânia. Nesse processo, a Igreja Católica teve presença significativa. Dom Emanuel Gomes de Oliveira, então arcebispo de Goiás, chegou a participar da comissão responsável pela escolha do local da nova capital, gesto que demonstrava a influência que a Igreja possuía na vida pública do Estado naquele momento histórico.

A presença da Igreja na nova capital antecede,

inclusive, a própria fundação oficial da cidade. Em 24 de maio de 1935 foi lançada a pedra fundamental da futura Catedral Nossa Senhora Auxiliadora, dois anos antes da inauguração oficial de Goiânia. O gesto possuía forte significado simbólico. Ao lançar a pedra fundamental daquele templo, a Igreja manifestava a intenção de acompanhar desde o início o nascimento da nova cidade e de participar da formação espiritual da comunidade que começava a se estabelecer no território. Pouco depois, em 22 de dezembro de 1937, foi criada a Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora, a primeira da capital. Dois dias mais tarde, na noite de 24 de dezembro, a primeira Matriz foi solenemente abençoada, reunindo os moradores que começavam a formar a comunidade urbana da cidade nascente. O terreno onde hoje se encontra a Catedral foi doado por Andreilino de Moraes e, em 1947, a área foi incorporada oficialmente ao plano urbanístico como Praça da Catedral, consolidando o lugar da Igreja no centro geográfico e simbólico de Goiânia.

Naquele período, o Estado de Goiás possuía uma extensão territorial muito superior à atual, abrangendo também regiões que hoje correspondem ao

Distrito Federal e ao Estado do Tocantins. Em toda essa vasta área existiam apenas a Arquidiocese de Goiás, a Diocese de Porto Nacional e as prelações de Jataí, São José do Alto Tocantins, em Niquelândia, Ilha do Bananal e Tocantinópolis. A dimensão do território e o crescimento populacional tornavam cada vez mais evidente a necessidade de reorganizar a presença institucional da Igreja. O avanço da ocupação do interior do país, o surgimento de novas cidades e o aumento das comunidades católicas exigiam uma estrutura pastoral mais próxima da realidade das populações locais.

Foi nesse contexto que, em 1955, Dom Emanuel Gomes de Oliveira convocou uma reunião da Província Eclesiástica de Goiás com o objetivo de discutir uma nova divisão territorial que respondesse aos desafios pastorais daquele momento. A iniciativa foi interrompida por um acontecimento inesperado. Dom Emanuel faleceu em 12 de maio daquele mesmo ano. Reunidos em Goiânia por ocasião de seu sepultamento, os bispos decidiram dar continuidade ao projeto e encaminhar à Santa Sé o pedido formal de reorganização das circunscrições eclesiais. O processo culminou no ano seguinte, quando o Papa Pio XII criou a



— † † † —

## GOVERNO PASTORAL DOS ARCEBISPOS



— 16 de junho de 1957 – 1º de junho de 1985

**Dom Fernando Gomes dos Santos**

Implantação das estruturas arquidiocesanas

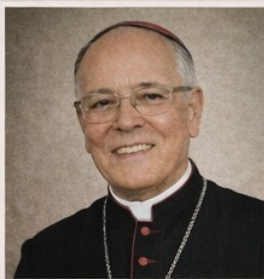
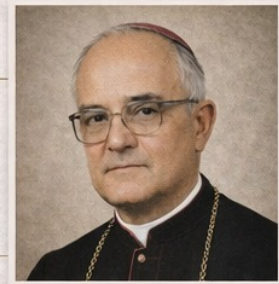
— † —

12 de janeiro de 1986 – 8 de maio de 2002 —

**Dom Antônio Ribeiro de Oliveira**

Expansão pastoral e amadurecimento institucional

— † —



— 14 de julho de 2002 – 9 de dezembro de 2021

**Dom Washington Cruz**

Consolidação pastoral e fortalecimento social

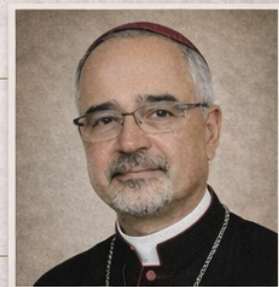
— † —

16 de fevereiro de 2022 – Atualidade —

**Dom João Justino de Medeiros Silva**

Atual período pastoral da Arquidiocese

— † —



Arquidiocese de Goiânia em 26 de março de 1956 por meio da bula Sanctissima Christi Voluntas, respondendo às novas necessidades pastorais do Centro-Oeste brasileiro.

A instalação canônica da Arquidiocese ocorreu em 16 de junho de 1957, em celebração presidida pelo núncio apostólico Dom Armando Lombardi. Na mesma ocasião tomou posse o primeiro arcebispo,

Dom Fernando Gomes dos Santos. Iniciava-se, assim, uma etapa decisiva para a organização institucional da Igreja na capital goiana, que passaria a acompanhar mais de perto o crescimento da cidade e o desenvolvimento religioso de toda a região.

## Horários de Missa

-  Segunda-feira: 06h45
-  Terça-feira: 06h45 e 19h30
-  Quarta-feira: 06h45, 15h 00 e 19h30
-  Quinta-feira: 06h45 e 19h30
-  Sexta-feira: 06h45 e 19h30
-  Sábado: 06h45 e 17h00
-  Domingo: 07h00, 09h00, 11h00, 16h00, 18h00 e 20h00

PARÓQUIA

## Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges

 62 3259-8374  62 98410-0165

 [www.paroquiasantaedwigesl6.org.br](http://www.paroquiasantaedwigesl6.org.br)

 @paroquiasantaedwigesl6

### Doações e Dízimo

Pix (CNPJ): 01.569.466/0119-67

Banco do Brasil

Agência 4148-3

Conta Corrente: 2.200.865-9